

Apresentação

*Poliana T. da Fonseca
Paulo Mortari A. C.
Isabela F. Davies
José Carlos Pereira*

A fome é sintoma de estruturas que falharam, de direitos negados, de vidas atravessadas por desigualdades profundas. Quando cruzamos o fenômeno da fome com os fluxos migratórios contemporâneos, sua manifestação pode ser particularmente perversa, arrancando pessoas de seus territórios para, depois, persegui-las através das fronteiras, impedindo-lhes até mesmo o acesso ao direito mais elementar: o de se alimentar com dignidade. Ademais, essa fome faz-se acompanhar de outras fomes, como a negação ou o bloqueio do direito ao exercício da cidadania nas suas dimensões civis, sociais e políticas. Esta edição da Revista Travessia surge desse duplo reconhecimento: de que a fome, mais do que consequência da migração, pode ser seu motor central; e de que a migração, longe de resolver a insegurança alimentar, frequentemente a reproduz em novos contextos, agora acrescida de xenofobia e precarização, não apenas do trabalho, mas também das condições sociais de vida digna.

A bem da verdade, as interseções entre fome e migração são diversificadas, podendo atravessar todas as dimensões da vida dos sujeitos migrantes. A fome, nesse sentido, não se reduz à ausência de comida; mais do que isso, ela se manifesta como um fenômeno transversal, que impacta a saúde, a educação, a moradia, o trabalho, os modos de vida e o acesso a direitos fundamentais. Em muitos casos, ela assume formas específicas, como a desnutrição ou a impossibilidade de acessar alimentos culturalmente adequados, transformando-se em uma questão de saúde pública.

Os hábitos alimentares dos migrantes são comumente moldados por barreiras que envolvem fatores religiosos, culturais, econômicos, ambientais e políticos, revelando diferentes faces do que se convencionou nominar de “insegurança alimentar”. Tendo isso em mente, o presente dossiê “Fome e Migração” procura chamar a atenção para o papel das políticas públicas no enfrentamento de, ao menos, parte desses óbices, destacando a importância de estudos que analisam dados, indicadores e estratégias de monitoramento e avaliação de ações voltadas à população migrante. Isso inclui programas de

prevenção à desnutrição, bem como análises críticas dos planos municipais de segurança alimentar, de seus efeitos positivos, mas também de suas limitações e equívocos.

As questões ambientais constituem outro eixo fundamental de reflexão ao evidenciar como mudanças climáticas, degradação do solo, desastres naturais e grandes empreendimentos — como hidrelétricas e projetos de infraestrutura — impactam diretamente a produção e o acesso a alimentos. Tais fatores estão frequentemente articulados às desigualdades e às injustiças sociais, funcionando como gatilhos para o deslocamento forçado.

Também é urgente refletir sobre a relação entre fome e trabalho precário. A privação alimentar torna-se, nesse contexto, fator de vulnerabilidade para o aliciamento de migrantes e, muitas vezes, um instrumento de exploração em destinos onde se reproduzem formas de trabalho análogas à escravidão.

Sabemos que este dossiê não esgota todas as possibilidades de análise sobre o tema — e nem é essa a intenção. Nosso propósito é, antes, contribuir para ampliar e aprofundar estudos e reflexões críticas, plurais e comprometidas com a justiça alimentar e social, apontando caminhos para o desenvolvimento de políticas, práticas e pesquisas que reconheçam a centralidade da alimentação digna nas desafiadoras e complexas experiências dos migrantes.

Dessa forma, os trabalhos reunidos neste dossiê formam um mosaico de vozes que nos permite ter uma compreensão mais ampla sobre como a fome pode incidir em experiências migratórias. O dossiê “Fome e Migração” está organizado em artigos, entrevistas, relatos e textos literários, apresentados na sequência.

ARTIGOS

Laís Meneguello Bressan e Juliana Viégas Gomes, em ***Comida (que se) extraña: notas sobre a produção de insegurança alimentar na fronteira norte do Brasil***, investigam a complexa realidade da insegurança alimentar enfrentada por imigrantes venezuelanos na fronteira norte do país, com base em pesquisas de campo realizadas entre 2019 e 2020. O estudo examina o grau de segurança alimentar dos venezuelanos em diferentes condições de moradia, comparando suas descobertas com reportagens e artigos recentes que denunciam falhas na assistência prestada pela Operação Acolhida. A análise revela que, apesar da ajuda humanitária, persistem desafios significativos relacionados à qualidade nutricional, variedade e acesso aos alimentos. Além disso, os migrantes enfrentam barreiras agravadas por xenofobia e exploração laboral, inserindo-se em um ciclo de vulnerabilidade que contradiz os princípios fundamentais da

acolhida. O estudo ressalta a ironia do sistema: venezuelanos que fogem da fome são frequentemente direcionados para trabalhos precários no agronegócio brasileiro, onde permanecem expostos à insegurança alimentar e à instabilidade socioeconômica. As autoras argumentam que a narrativa da “crise migratória” tem servido a interesses políticos e econômicos ao mesmo tempo que obscurece a autonomia dos migrantes e a necessidade de soluções estruturais e integradas. O artigo conclui com um chamado à revisão das políticas migratórias, enfatizando a urgência de abordagens que respeitem a dignidade e a agência dos migrantes, além de criticar a instrumentalização da ajuda humanitária para fins exploratórios. A reflexão final provoca: a quem realmente serve a narrativa da crise?

No artigo ***Globalização, transnacionalismo e identidade cultural: experiências alimentares de Au Pairs brasileiras no exterior***, Carmen Macedo investiga a experiência de migrantes que aderem ao Programa Au Pair, um fenômeno ainda pouco explorado na literatura acadêmica. A autora adota uma abordagem que entrelaça relações laborais, dinâmicas de gênero e negociações identitárias, oferecendo uma análise crítica sobre os desafios enfrentados por jovens migrantes, especialmente mulheres, em contextos transnacionais. A pesquisa evidencia como aspectos aparentemente cotidianos, como a alimentação, refletem dinâmicas mais amplas de poder, pertencimento e adaptação no contexto migratório. Embora o intercâmbio cultural seja promovido como uma oportunidade enriquecedora, Macedo demonstra que as relações estabelecidas nesse cenário são frequentemente marcadas por hierarquias e tensões, especialmente no que diz respeito à alimentação. Além disso, a presença de produtos e restaurantes brasileiros no exterior emerge como um fator crucial na manutenção dos laços culturais e na reafirmação da identidade das migrantes.

Em ***Assistência alimentar a requerentes de asilo e refugiados em situação prolongada: o caso do centro de Maratane/Moçambique (2001-2021)***, Maria Josefina Consolo examina duas décadas de assistência alimentar no centro de refugiados de Maratane, em Moçambique, permitindo compreender como essa política evoluiu (ou se deteriorou) ao longo do tempo. A abordagem histórica possibilita identificar padrões, mudanças estruturais e impactos duradouros na vida dos refugiados. A pesquisa evidencia que a insegurança alimentar é um fator determinante na mobilidade dos refugiados. Além disso, demonstra que a falta de políticas eficazes de assistência pode resultar na busca por alternativas de sobrevivência, incluindo a migração secundária para outras regiões ou países. A redução ou cortes na assistência alimentar não afetam apenas o bem-estar nutricional dos refugiados, mas também geram impactos sociais significativos, como aumento da criminalidade, protestos e instabilidade

nos centros de acolhimento. O estudo documenta como os refugiados desenvolvem estratégias alternativas para lidar com a escassez alimentar, como o comércio informal, a prática da agricultura e, em alguns casos, atividades ilícitas. Essas estratégias revelam a resiliência dos refugiados, mas, sobretudo, denunciam como há uma necessidade urgente de políticas públicas que os integrem de forma mais eficaz. Ao expor as deficiências da assistência alimentar em Maratane, a autora levanta questões sobre a sustentabilidade dos programas de apoio a refugiados em Moçambique e em outros países africanos. A comparação com situações semelhantes em Uganda, Quênia e Chade amplia a relevância do estudo, sugerindo que a insegurança alimentar é um problema estrutural nos campos de refugiados da região. A pesquisa de Maria Josefina Consolo contribui para um debate mais amplo sobre a responsabilidade dos Estados e organismos internacionais na gestão da segurança alimentar em contextos de refúgio.

Em ***Explorando interações complexas: os impactos do sistema alimentar no meio ambiente, no ecossistema e a saúde humana/ Exploration des interactions complexes : les impacts du système alimentaire sur l'environnement, l'écosystème et la santé humaine***, Ayawovi Djidjogbe Fanho e Leonardo Xavier da Silva examinam os impactos do sistema de produção alimentar global sobre o meio ambiente, os ecossistemas e a saúde humana, destacando sua relação direta com crises de fome e migração. O estudo evidencia que o atual modelo de produção e distribuição de alimentos é um dos principais responsáveis pela degradação ambiental, além de aumentar a vulnerabilidade de comunidades marginalizadas, intensificando deslocamentos forçados. Ao mesmo tempo, o modelo alimentar contemporâneo agrava problemas de saúde pública, promovendo a chamada “dupla carga nutricional”, em que a desnutrição e a obesidade coexistem, afetando bilhões de pessoas. O estudo enfatiza a urgência de uma transformação estrutural nos sistemas de produção de alimentos, propondo políticas e intervenções sustentáveis que integrem produção, distribuição e consumo de forma equitativa e adaptada aos contextos locais. A inovação e políticas inclusivas são apresentadas como caminhos essenciais para reduzir desigualdades e promover segurança alimentar, fatores cruciais para mitigar crises que resultam em migração forçada.

ENTREVISTAS

Contamos também com a denúncia contundente sobre a situação dos indígenas no Chaco paraguaio. ***Agua, comida, tierra y movilidad: la situación de los pueblos indígenas en el Chaco paraguay*** é uma entrevista conduzida por Paulo Mortari A. C. com Lidia Ruiz Cuevas, coordenadora da

ONG Tierraviva. A conversa apresenta uma análise crítica e necessária sobre as múltiplas crises enfrentadas pelos povos indígenas no Chaco paraguaio, explorando de maneira interligada a insegurança alimentar, o deslocamento forçado e a exploração laboral. A partir da perspectiva de Lidia Ruiz Cueva, o texto revela como o avanço do agronegócio, a concentração fundiária e a marginalização histórica de comunidades indígenas perpetuam um ciclo de vulnerabilidade que aprofunda a fome e a migração de seus membros. A perda de territórios ancestrais, somada aos impactos das mudanças climáticas, restringe o acesso a fontes tradicionais de alimentação, como caça, pesca e cultivos, forçando muitas famílias a buscar refúgio em áreas urbanas ou a se submeter a trabalhos precários em estâncias, onde frequentemente enfrentam condições de trabalho análogo à escravidão. Lidia critica o modelo de desenvolvimento adotado no Paraguai, que favorece os interesses econômicos de grandes produtores rurais e comunidades menonitas em detrimento dos direitos indígenas. Projetos de infraestrutura mal planejados, como um aqueduto que nunca funcionou, e a impunidade diante de crimes ambientais e trabalhistas evidenciam a negligência do Estado. No entanto, a entrevista não se limita à denúncia; ela também destaca iniciativas de resistência conduzidas pelas próprias comunidades, como a apicultura e a gestão comunitária da água, que fortalecem a autonomia indígena e demonstram que soluções sustentáveis precisam ser culturalmente adaptadas e lideradas por aqueles que vivem essa realidade. A relevância da entrevista está em desnaturalizar a fome, apresentando-a como consequência de um longo processo de expropriação e exclusão, por um lado, e, por outro, paradoxalmente, do avanço do agronegócio em alta escala. Além disso, o diálogo amplia o debate sobre migração forçada, conectando-o não apenas à pobreza, mas à destruição dos modos de vida tradicionais e à luta pela autodeterminação dos povos indígenas.

No *front* das resistências, encontramos luzes potentes: as hortas comunitárias que ressignificam o direito à alimentação e as cozinhas coletivas da Ocupação 9 de Julho, na cidade de São Paulo. A entrevista ***Cozinha comunitária e moradia social em São Paulo: a experiência da cozinha da Ocupação 9 de Julho***, concedida a Isabela Davies por Carmen Silva, líder do Movimento Sem Teto do Centro (MSTC), expõe as contradições urbanas de uma metrópole marcada pela segregação espacial, desigualdade social e insegurança alimentar. Esses problemas são agravados pelo aumento do custo de vida e pela precarização das políticas públicas, que falham em garantir direitos básicos como moradia e alimentação. Na fala de Carmen Silva, a cozinha comunitária surge não apenas como um espaço de alimentação, mas como um núcleo de resistência, organização coletiva e

fortalecimento de vínculos sociais. A iniciativa vai além do assistencialismo, promovendo o que a líder do movimento chama de “soberania alimentar”, por meio de práticas sustentáveis, como hortas urbanas, compra direta de pequenos produtores e geração de renda local. Paralelamente, a ocupação de prédios abandonados no centro da cidade desafia a lógica excludente do mercado imobiliário, propondo um modelo alternativo de habitação social integrado à alimentação e à sustentabilidade. Ainda, a entrevista ressalta as limitações dessas iniciativas, como as hortas comunitárias e as cozinhas coletivas, diante de um contexto estrutural de desigualdade. Carmen Silva enfatiza a necessidade de políticas públicas municipais mais robustas e da mobilização contínua da sociedade civil para garantir mudanças efetivas. Sua trajetória evidencia as barreiras enfrentadas por migrantes e populações periféricas, que chegam à cidade em busca de melhores condições de vida, mas se deparam com a invisibilidade e a exclusão. A experiência da Ocupação 9 de Julho é uma contribuição valiosa para o debate sobre fome e migração, demonstrando como soluções locais e comunitárias podem desafiar as dinâmicas excludentes das grandes cidades. Ao mesmo tempo, a entrevista reforça a urgência de políticas públicas integradas que assegurem direitos fundamentais e combatam as raízes da desigualdade social. Mais do que inspirar, a experiência relatada por Carmen Silva demanda uma reflexão crítica sobre o papel do Estado e da sociedade na construção de cidades mais justas, humanas e ecologicamente sustentáveis.

Em ***“Não se trata de escassez, mas de privação de alimentos”***: a fome como elemento estrutural e outras considerações, compartilha-se uma entrevista com o professor José Raimundo Sousa Ribeiro Junior, organizada por Isabela F. Davies, Paulo Mortari A. C. e Poliana T. da Fonseca e conduzida por Isabela Davies e Pe. Alfredo José Gonçalves (o Pe. Alfredinho). O professor José Raimundo aborda a fome como um fenômeno estrutural, desmistificando narrativas simplistas que a associam apenas à escassez de alimentos. O debate central gira em torno da crítica ao termo “insegurança alimentar”, visto como um eufemismo que suaviza a gravidade do problema. De acordo com o entrevistado, é essencial nomear a questão pelo que ela realmente é: fome — um termo que carrega a urgência política e social necessária para enfrentá-la. A entrevista evidencia o paradoxo de países como o Brasil, um dos maiores produtores de alimentos do mundo, ainda conviverem com a fome. Esse paradoxo é produzido pela lógica capitalista, que prioriza o valor de troca em detrimento do valor de uso dos alimentos, transformando-os em mercadorias, e não em direitos. O texto também problematiza a inadequação de políticas públicas, como a distribuição padronizada de cestas básicas, que ignora as especificidades culturais dos migrantes. Diante disso, o entrevistado destaca que a fome não é homogênea: suas formas e

impactos variam conforme a história, a geografia e as tradições alimentares de cada grupo social. O professor José Raimundo reconhece a importância das políticas públicas, mas alerta para suas limitações. Ele defende reformas estruturais, como a reforma agrária e urbana, e enfatiza a necessidade de disputar o orçamento do Estado para que o combate à fome seja efetivo. Sua síntese é clara e contundente: “Não existe escassez de alimentos, o que existe é privação”, uma consequência direta das relações sociais e econômicas vigentes. Ao situar a fome como um problema estrutural e não conjuntural, a entrevista convida os leitores a refletirem sobre as raízes profundas da desigualdade e a urgência de transformações radicais.

RELATOS

O relato de Beatriz Gomes Cornachin em ***A relação entre emigração e alimentação em Cuba*** é fruto de uma recente estadia em Cuba como parte de sua pesquisa de doutorado. Com ele, a autora oferece uma contribuição valiosa ao debate sobre segurança alimentar em contextos de crise, articulando migração, economia e cultura alimentar. Focado na província de Guantánamo, o estudo parte de uma observação direta e entrevistas com moradores de áreas urbanas e áreas rurais, revelando como a emigração se tornou um fator central para o acesso a alimentos em Cuba. A autora demonstra que as famílias locais que têm membros no exterior, especialmente nos Estados Unidos, contam com maior segurança alimentar, beneficiando-se de remessas de dinheiro ou módulos alimentares enviados pelos emigrados. Esses recursos ampliam o acesso a produtos básicos e industrializados, além de sustentar pequenas redes de comércio informal em território cubano. Um dos aspectos mais instigantes do relato é a análise das narrativas culturais associadas à alimentação. O aparente ganho de peso dos emigrados, por exemplo, é amplamente percebido como sinal de prosperidade e bem-estar, independentemente da qualidade nutricional da dieta. O trabalho também destaca as limitações do sistema cubano de abastecimento alimentar, como os atrasos e falhas na distribuição da “*canasta básica*” e a disparidade entre preços praticados nos mercados estatais e privados. A autora oferece uma análise crítica do impacto do bloqueio econômico imposto a Cuba pelos Estados Unidos há décadas e da dependência da importação de alimentos sobre a soberania alimentar cubana.

No trabalho ***Segurança alimentar e saúde em comunidades periféricas: fortalecendo vínculos na entrega de cestas básicas para migrantes durante a pandemia de Covid-19***, Alexandra Cristina Gomes de Almeida e Erika Andrea Butikofer trazem um relato de experiência do Coletivo Conviva

Diferente em Guaianases, bairro localizado na periferia da Zona Leste da cidade de São Paulo. O texto expõe os desafios enfrentados por comunidades haitianas, bolivianas, venezuelanas e de diversas nacionalidades africanas, que, além das dificuldades inerentes ao processo migratório, viram suas condições de vida se deteriorarem ainda mais diante do desemprego, da falta de acesso a políticas públicas e da insegurança alimentar durante a pandemia de Covid-19, com início reconhecido no Brasil em março de 2020. A iniciativa do Coletivo, que teve início com a distribuição de cestas básicas e kits de higiene, rapidamente evoluiu para uma ação política mais ampla, mobilizando redes de apoio e pressionando o poder público para garantir direitos fundamentais. A força do relato reside na forma como as autoras articulam a urgência da ação humanitária com uma análise crítica das estruturas que perpetuam a exclusão social. Ao priorizar mulheres chefes de família e considerar interseccionalidades como raça, classe e gênero, o projeto não apenas respondeu a necessidades imediatas, mas também expôs as falhas de um sistema que marginaliza migrantes. Em síntese, o relato traz uma perspectiva prática e engajada para o debate, mostrando que a fome entre migrantes não é um problema isolado, mas, sim, um sintoma de desigualdades profundas.

POEMA

O poema ***Eu migrante***, de Rian Gonçalves, é uma obra reflexiva que aborda as complexidades da migração e suas interfaces com questões de identidade e de segurança alimentar. Através de uma narrativa pessoal e, ao mesmo tempo, coletiva, o autor explora o deslocamento físico e emocional do migrante, destacando a busca por dignidade, sustento e pertencimento. O poema evoca a figura do “duplo ausente” — não apenas o indivíduo que deixa sua terra, mas também a terra que se transforma na ausência dele —, ecoando as reflexões da migração como uma experiência de perda e fragmentação. O poeta contribui para a discussão sobre fome e migração com base em sua capacidade de humanizar dados e estatísticas, transformando-os em vivências palpáveis. A menção às mudanças climáticas e à escassez de recursos reforça a interdependência entre migração, insegurança alimentar e crises ambientais, temas urgentes no cenário global contemporâneo. Com sua sensibilidade, Rian Gonçalves convida o leitor a refletir sobre as dimensões subjetivas da fome e do deslocamento, lembrando-nos que, por trás de cada jornada migratória, há um coração que pulsa entre o “lá” e o “aqui”, entre o que foi deixado e o que ainda se espera encontrar.

CONTO

A força desta edição está justamente em sua pluralidade de abordagens, do rigor acadêmico dos artigos à potência sensível do conto **A Fome do Outro**, de Paulo Mortari A. C., que nos faz sentir na própria boca o gosto amargo da desigualdade. A narrativa é profundamente simbólica e expande o conceito de fome para além da necessidade fisiológica, explorando questões de identidade, empatia e desigualdade social. A história acompanha um homem privilegiado que, de forma inexplicável, passa a sentir o sabor e a saciedade — ou a ausência dela — das refeições de outra pessoa, enquanto sua própria alimentação se torna insípida. Movido por essa experiência intrigante, ele inicia uma busca obsessiva para descobrir quem é o “outro” com quem compartilha essa ligação invisível, criando um restaurante popular itinerante como forma de rastrear essa conexão. A trama apresenta a fome como um fenômeno paradoxal: enquanto o protagonista tem acesso irrestrito a pratos sofisticados, seu paladar é sequestrado pela realidade de alguém cuja alimentação é escassa e repetitiva. A metáfora da “fome do outro” evidencia a interdependência humana e a invisibilidade das privações alheias, questionando até que ponto a abundância de alguns pode coexistir com a carência de tantos. Por meio da narrativa, o autor constrói uma crítica sutil aos sistemas que perpetuam a desigualdade, especialmente no ambiente urbano, onde corpos marginalizados — como o do jovem hispânico no conto — são frequentemente ignorados. A jornada do restaurante ambulante pela cidade reflete a mobilidade compulsória de populações vulneráveis, cujas necessidades básicas são negligenciadas. Com uma abordagem literária singular, Paulo Mortari A. C. transforma a fome em um espelho das dinâmicas de poder e da falência coletiva em garantir dignidade alimentar. A força do conto reside na humanização da privação, levando o leitor a refletir: *quem realmente sacia a fome de quem? E a que custo?*

O dossiê nos propõe, ao menos, quatro chaves de leitura, veredas que podem nos levar a revisitar velhas questões sob novos prismas analíticos e a formular outras novas, seja de caráter metodológico, teórico e empírico.

Tanto em países ricos quanto em países pobres, mas com sobrepeso para as populações destes últimos, a fome e a insegurança alimentar – resultados de opções políticas e modelos de desenvolvimento econômico – empurram milhares de pessoas para a experiência aviltante da vida em um “espaço sem cidadãos” (pp. 59-66) ou de uma “cidadania mutilada” (pp. 31-46), para falar com Milton Santos (2007). Isto é, pessoas com experiências fragmentadas ou superficiais de acesso a direitos fundamentais, cuja negação ou fragmentação as colocam na condição de subordinadas ou à margem da cidadania. Esta pode ser uma vereda relevante de análise sugerida pelos textos.

Uma segunda trilha de reflexão sugerida diz respeito à necessidade epistemológica de interpelar a fome como um drama político, econômico e ético gerador de tensões e conflitos entre grupos sociais, como os “motins da fome”, estudados por Edward Palmer Thompson (1998) na Inglaterra do século XVIII; a grande fome, seguida de epidemias, mortes, migrações forçadas e convulsões políticas e sociais que sacudiram a Irlanda em meados do século XIX e que, ainda hoje, aterroriza a memória dos irlandeses, conforme a densa pesquisa de Christine Kinealy (1995); e as lutas sociais de movimentos populares nos campos e cidades brasileiras por acesso à terra, moradia e alimentação, estudadas por Sergio Leite, Beatriz Heredia, Leonilde Medeiros, Moacir Palmeira e Rosângela Cintrão (2004), Luiz Norder e Diego Rodrigues (2007), João Pedro Stédile e Bernardo Mançano Fernandes (2012), dentre outros. No que tange à epistemologia da fome, Josué de Castro ([1946] 2010) já realçava o caráter multidimensional da fome como um problema político e social. Cômico da complexidade do problema, o arguto pesquisador destacava a necessidade permanente de pesquisas específicas e interdisciplinares. Tais pesquisas poderiam iluminar práxis transformadoras, que superassem tabus, superstições e preconceitos alimentares.

Um terceiro caminho de análise sugere interpelar a fome como um fenômeno multidimensional que, compulsoriamente, imobiliza e mobiliza milhares de pessoas mundo afora. Isto ocorre, especialmente, em regiões de governanças unilaterais ou ditatoriais, mais compromissadas com os cânones do neoliberalismo: paradoxalmente, a defesa do máximo de intervenção do Estado em prol de poucos (que concentram propriedades e rendas), e a defesa do mínimo da ação do Estado – quando não a sua negação – em socorro dos muitos (que pouco têm e que dele mais precisam para acessar direitos e deveres no pacto de vida em sociedade).

Sem pretensão de esgotar as possibilidades de interpelação e de crítica, o dossiê “Fome e Migração” sugere uma quarta vereda não menos relevante que as anteriores, um fio condutor, que é o chamado à ação. As soluções existem, e muitas delas estão sendo construídas por aqueles que vivem na pele a intersecção entre fome e migração. Cabe a nós, como sociedade e como academia, escutar, amplificar e, sobretudo, agir, porque a fome não é um destino, é uma escolha da sociedade — e é nossa responsabilidade coletiva desfazê-la.

Que esta edição inspire não apenas reflexão, mas movimento. Afinal, como bem lembra um dos textos aqui presentes: **“Não há escassez de alimentos. Há privação”**. E é contra essa privação, em todas as suas formas, que seguimos lutando.

A presente edição da Travessia ainda traz alguns textos avulsos, como os respectivos artigos ***Realidad, rostros, desafíos y esperanzas de los migrantes y de la Pastoral de Movilidad Humana en Panamá***, de Jorge Ayala, Ligia Ruiz e Mario Geremia; e ***Sobre pedagogias humanitárias: pensando o português brasileiro como uma tecnologia de acolhida***, de Sebastião Lisboa de Andrade Rinaldi.

Luciana Sanguiné nos brinda com uma ***Entrevista com Dr. Rodrigo Luís dos Santos, historiador do Museu Visconde de São Leopoldo: impactos das enchentes de 2024 e o bicentenário da imigração alemã no Rio Grande do Sul***.

O educador, pesquisador e contista Sebastião Rinaldi ainda nos presenteia com o conto ***Refúgio em si***.

Por fim, na verdade, no rosto desta edição, Sergio Ricciuto Conte, capista da Travessia, traz uma arte que abraça os textos brevemente apresentados. O artista propõe uma mirada sobre a fome não apenas como falta de alimentos ou como calamidade natural decorrente de secas e enchentes prolongadas ou de infestações de insetos, bactérias e fungos devastadores, como era ideia e prática correntes até o século XIX. Ricciuto ilustra a fome como a dificuldade de acesso ou o acesso insuficiente aos alimentos; como preconceito étnico, racial e geográfico. A arte apresenta um carrinho de supermercado abarrotado de alimentos fora do alcance de uma família que conduz outro carrinho, com poucos alimentos. Pode-se dizer que se trata de uma alegoria expressiva das injustiças sociais e da insuficiência de políticas de distribuição de renda e seguridade social, que, principalmente no Brasil, têm vínculos estreitos com questões de classe social, etnia, raça, gênero, desenvolvimento regional etc. Vale sempre ressaltar que a arte não encerra o debate. Na verdade, ela abre novos horizontes de imaginação e interpretação a partir das subjetividades e das realidades históricas de cada grupo social, de cada povo, de cada país e as suas formas políticas e culturais de produção e distribuição.

Cabe, agora, esmiuçar cada ideia e questão dos textos desta edição. Boa leitura!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASTRO, Josué de. **Geografia da fome** – o dilema brasileiro: pão ou aço. Rio de Janeiro: Brasiliense, [1946] 2010.
- KINEALY, Christine. **This Great Calamity: The Irish Famine 1845-52**. Dublin: Gill & Macmillan, 1995.
- LEITE, Sérgio; HEREDIA, Beatriz; MEDEIROS, Leonilde; PALMEIRA, Moacir; CINTRÃO, Rosângela. **Impacto dos assentamentos** – um estudo sobre o meio rural brasileiro. Brasília: NEAD; São Paulo: UNESP, 2004.

NORDER, Luiz; RODRIGUES, Diego. (Coords.). **Memória da luta pela reforma agrária no Brasil**. Brasília: MDA; Londrina: UEL, 2007.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. 7ª ed. São Paulo: Edusp, 2007.

STÉDILE, João Pedro Stédile; FERNANDES, Bernardo Mançano. **Brava gente** – a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2012.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Presentation

Poliana T. da Fonseca
Paulo Mortari A. C.
Isabela F. Davies
José Carlos Pereira

Hunger is a symptom of failed structures, of denied rights, of lives marked by profound inequalities. When the phenomenon of hunger meets contemporary migratory flows, its manifestation can be particularly cruel, uprooting people from their territories and then chasing them across borders, denying them access even to the most basic right: the right to eat with dignity. In addition, this hunger is accompanied by other forms of hunger, such as the denial of the right to exercise citizenship in its civil, social and political dimensions. The current issue of *Revista Travessia* arises from a dual recognition that hunger, more than a consequence of migration, can be its central driver; and that migration, far from mitigating food insecurity, often reproduces it in new contexts, now compounded by xenophobia and precariousness not only in terms of work, but also regarding social conditions for a dignified life.

As a matter of fact, the intersections between hunger and migration are diverse and can permeate all aspects of the lives of migrants. Hunger, in this sense, is not limited to the lack of food. More than that, it constitutes a transversal phenomenon that affects health, education, housing, work, ways of living, and access to fundamental rights. In many cases, it takes on specific forms, such as malnutrition or the inability to access culturally appropriate foods, thereby becoming a public health issue.

Migrants' eating habits are often shaped by barriers involving religious, cultural, economic, environmental and political factors, revealing different aspects of what has been conventionally called "food insecurity". With this in mind, the "Hunger and Migration" dossier seeks to draw attention to the role of public policies in addressing at least some of these obstacles, highlighting the importance of studies that analyze data, indicators and strategies for monitoring and evaluating actions aimed at the migrant population. This includes malnutrition prevention programs, as well as critical assessments of municipal food security plans, with their positive effects, but also their limitations and mistakes.

Environmental issues constitute another fundamental area to be taken into consideration, highlighting how climate change, soil degradation, natural disasters and large-scale projects — such as hydroelectric dams and infrastructure initiatives — directly impact production and access to food. These factors are often linked to inequalities and social injustices, acting as triggers for forced displacement.

There is also an urgent need to reflect on the relationship between hunger and precarious work. In such contexts, food deprivation becomes a factor that makes migrants particularly vulnerable to recruitment and often serves as a tool of exploitation in places where conditions analogous to contemporary forms of slavery are reproduced.

We are mindful that this dossier does not exhaust all the possibilities of analysis on the subject — and that indeed is not the intention. Our purpose is, rather, to contribute to expanding and deepening critical, plural studies and reflections committed to food and social justice, pointing out paths for the development of policies, practices and research that recognize the centrality of decent food in migrants' challenging and complex experiences.

The contributions gathered in this dossier form a mosaic of voices that allow us to have a broader understanding of how hunger can affect migratory experiences. The "Hunger and Migration" dossier is structured into sections that encompass academic articles, interviews, reports and literary texts, presented as follows.

PAPERS

Laís Meneguello Bressan and Juliana Viégas Gomes, in *Comida (que se) extraña: notas sobre a produção de insegurança alimentar na fronteira norte do Brasil* (***Comida (que se) extraña: notes on the production of food insecurity in the Northern border of Brazil***), investigate the complex reality of food insecurity faced by Venezuelan migrants on the northern border of Brazil, based on field research carried out between 2019 and 2020. The study examines the level of food security of Venezuelans in different housing conditions, comparing their findings with recent reports and articles that highlight failures in the assistance provided by the "*Operação Acolhida*" (Operation Welcome). The analysis reveals that, despite humanitarian aid, significant challenges persist related to the nutritional quality, variety, and access to food. Additionally, migrants face barriers exacerbated by xenophobia and labor exploitation, placing them in a cycle of vulnerability that contradicts the fundamental principles of welcoming. The study highlights the irony of the system: Venezuelans fleeing hunger are often directed to precarious jobs in Brazil's agribusiness sector, where they remain

exposed to food insecurity and socio-economic instability. The authors argue that the “migratory crisis” narrative serves political and economic interests while obscuring the autonomy of migrants and the need for structural and integrated solutions. The article concludes with a call for a revision of migration policies, emphasizing the urgency of approaches that respect the dignity and agency of migrants, while criticizing the instrumentalization of humanitarian aid for exploitative purposes. The final reflection provocatively asks: who does the crisis narrative truly serve?

In the article *Globalização, transnacionalismo e identidade cultural: experiências alimentares de Au Pairs brasileiras no exterior* (***Globalization, transnationalism, and cultural identity: food experiences of Brazilian Au Pairs abroad***), Carmen Macedo investigates the experience of migrants who join the Au Pair Program, a phenomenon still underexplored in academic literature. The author adopts an approach that intertwines labor relations, gender dynamics, and identity negotiations, offering a critical analysis of the challenges faced especially by young migrant women in transnational contexts. The research underlines how seemingly everyday aspects, such as food, reflect broader dynamics of power, belonging, and adaptation in the context of migration. Although cultural exchange is promoted as an enriching opportunity, Macedo demonstrates that the relationships established in this scenario are often marked by hierarchies and tensions, especially with regard to food. Furthermore, the presence of Brazilian products and restaurants abroad emerges as a crucial factor in maintaining cultural ties and reaffirming the identity of the migrants.

In *Assistência alimentar a requerentes de asilo e refugiados em situação prolongada: o caso do centro de Maratane/Moçambique (2001-2021)* (***Food assistance for asylum seekers and refugees in protracted situations: the case of the Maratane Center/Mozambique (2001-2021)***), Maria Josefina Consolo examines two decades of food assistance in the Maratane refugee center in Mozambique, offering insights into how this policy has evolved (or deteriorated) over time. The historical approach allows for the identification of patterns, structural changes, and long-term impacts on the lives of refugees. The research shows that food insecurity is a determining factor in refugee mobility. It also demonstrates that the lack of effective assistance policies can lead to the search for alternative survival strategies, including secondary migration to other regions or countries. Reductions or cuts in food assistance not only affect the nutritional well-being of refugees but also generate significant social impacts, such as increased crime, protests, and instability in reception centers. The study documents how refugees develop alternative strategies to cope with food shortages, such as informal trade, agriculture, and, in some cases, illicit activities. These strategies reveal the resilience

of refugees and, above all, expose the urgent need for public policies that integrate them in a more effective way. By exposing the shortcomings of food assistance in Maratane, the author raises questions about the sustainability of refugee support programs in Mozambique and other African countries. The comparison with similar situations in Uganda, Kenya, and Chad amplifies the relevance of the study, suggesting that food insecurity is a structural problem in refugee camps across the region. Maria Josefina Consolo's research contributes to a broader debate on the responsibility of states and international organizations in managing food security in refugee contexts.

In *Explorando interações complexas: os impactos do sistema alimentar no meio ambiente, no ecossistema e a saúde humana/Exploration des interactions complexes : les impacts du système alimentaire sur l'environnement, l'écosystème et la santé humaine* (**Exploring complex interactions: the impacts of the food system on the environment, ecosystem and human health**), Ayawovi Djidjogbe Fanho and Leonardo Xavier da Silva examine the impacts of the global food production system on the environment, ecosystems and human health, highlighting their direct relationship with hunger crises and migration. The study shows that the current model of food production and distribution is one of the main drivers of environmental degradation, which also increases the vulnerability of marginalized communities, intensifying forced displacement. At the same time, the contemporary food model aggravates public health problems, promoting the so-called "double nutritional burden", in which malnutrition and obesity coexist, affecting billions of people. The study emphasizes the urgency of a structural transformation in food production systems, proposing sustainable policies and interventions that integrate production, distribution and consumption in an equitable manner and adapted to local contexts. Innovation and inclusive policies are presented as essential paths to reduce inequalities and promote food security – crucial factors in mitigating crises that result in forced migration.

INTERVIEWS

We also have a powerful report of the situation of Indigenous people in the Paraguayan Chaco. *Agua, comida, tierra y movilidad: la situación de los pueblos indígenas en el Chaco paraguayo* (**Water, food, land, and mobility: the situation of indigenous peoples in the Paraguayan Chaco**) is an interview conducted by Paulo Mortari A. C. with Lidia Ruiz Cuevas, coordinator of the NGO Tierraviva. The conversation presents a critical and necessary analysis of the multiple crises faced by Indigenous peoples in the Paraguayan Chaco, exploring food insecurity, forced displacement, and labor exploitation in

an interconnected manner. From Lidia Ruiz Cuevas' perspective, the text reveals how the expansion of agribusiness, land concentration, and the historical marginalization of Indigenous communities perpetuate a cycle of vulnerability that deepens hunger and migration. The loss of ancestral territories, combined with the impacts of climate change, restricts access to traditional food sources such as hunting, fishing, and farming, forcing many families to seek refuge in urban areas or to submit to precarious work on ranches, where they often face working conditions akin to slavery. Lidia criticizes the development model adopted in Paraguay, which favors the economic interests of large rural producers and Mennonite communities to the detriment of Indigenous rights. Poorly planned infrastructure projects, such as an aqueduct that never worked, and the impunity surrounding environmental and labor crimes underscore the state's negligence. However, the interview is not limited to denunciation; it also highlights resistance initiatives led by the communities themselves, such as beekeeping and community water management, which strengthen Indigenous autonomy and demonstrate that sustainable solutions must be culturally adapted and led by those who live this reality. The relevance of the interview lies in denaturalizing hunger, presenting it, on the one hand, as a consequence of a long process of expropriation and exclusion and, on the other hand, as an outcome of the advance of large-scale agribusiness, as paradoxical as it might seem. In addition, the dialogue broadens the debate on forced migration, linking it not only to poverty, but also to the destruction of traditional ways of life and the struggle for Indigenous self-determination.

On the front lines of resistance, we find a powerful, guiding light: the community gardens that reframe the right to food and the collective kitchens of the 9 de Julho Occupation in São Paulo. The interview *Cozinha comunitária e moradia social em São Paulo: a experiência da cozinha da Ocupação 9 de Julho* (**Community kitchen and social housing in São Paulo: the experience of the 9 de Julho Occupation kitchen**), given to Isabela Davies by Carmen Silva, leader of the *Movimento Sem Teto do Centro* – MSTC (Homeless Movement of the Center), exposes the urban contradictions of a metropolis marked by spatial segregation, social inequality, and food insecurity. These problems are aggravated by the rising cost of living and the precariousness of public policies, which fail to guarantee basic rights such as housing and food. In Carmen Silva's words, the community kitchen emerges not only as a place to eat, but as a center of resistance, collective organization, and the strengthening of social bonds. The initiative goes beyond charity, promoting what the movement leader calls "food sovereignty" through sustainable practices such as urban gardens, direct purchases from small producers, and local income generation. At the same time, the occupation of abandoned buildings in the city center

challenges the exclusionary logic of the real estate market, proposing an alternative model of social housing integrated with food security and sustainability. The interview also highlights the limitations of these initiatives in the context of structural inequality. Carmen Silva emphasizes the need for more robust municipal public policies and the continuous mobilization of civil society to ensure effective change. Her life trajectory illustrates the barriers faced by migrants and peripheral populations who come to the city in search of better living conditions but are met with invisibility and exclusion. The experience of the 9 de Julho Occupation is a valuable contribution to the debate on hunger and migration, demonstrating how local and community-based solutions can challenge the exclusionary dynamics of large cities. At the same time, the interview reinforces the urgency of integrated public policies that ensure fundamental rights and address the roots of social inequality. More than just inspiring, the experience shared by Carmen Silva calls for a critical reflection on the role of the state and society in building fairer and more humane and ecologically sustainable cities.

In *“Não se trata de escassez, mas de privação de alimentos”: a fome como elemento estrutural e outras considerações* (***“It’s not about scarcity, it’s about food deprivation”: hunger as a structural element and other considerations***), we share an interview with Professor José Raimundo Sousa Ribeiro Junior, conducted by Alfredo José Gonçalves (Father Alfredinho) and Isabela F. Davies, and organized by Paulo Mortari A. C, and Poliana T. da Fonseca. Professor Ribeiro Junior addresses hunger as a structural phenomenon, demystifying simplistic narratives that associate it only with food scarcity. The central debate revolves around the critique of the term food insecurity, seen as a euphemism that softens the severity of the problem. According to Professor Ribeiro Junior, it is essential to call the issue what it truly is: hunger — a term that carries the necessary political and social urgency to confront it. The interview highlights the paradox of countries like Brazil, one of the world’s largest food producers, still coexisting with hunger. This paradox is produced by the capitalist logic, which prioritizes the exchange value over the use value of food, transforming it into a commodity rather than a right. The text also problematizes the inadequacy of public policies, such as the standardized distribution of food baskets, which ignores the cultural specificities of migrants. Hunger, as it is said, is not homogeneous: its forms and impacts vary according to the history, geography, and food traditions of each social group. Professor José Raimundo acknowledges the importance of public policies but warns us about their limitations. He advocates for structural reforms, such as agrarian and urban reforms, and emphasizes the need to contest the state budget to ensure that the fight against hunger is effective. His synthesis is clear and forceful: “There is no

food scarcity; what exists is deprivation,” a direct consequence of prevailing social and economic relations. By framing hunger as a structural rather than a conjunctural problem, the interview invites readers to reflect on the deep roots of inequality and the urgency of radical transformations.

REPORTS

Presented by Beatriz Gomes Cornachin, *A relação entre emigração e alimentação em Cuba* (***The relationship between emigration and food in Cuba***) is the result of a recent stay in Cuba as part of her doctoral research. Through this report, the author offers a valuable contribution to the debate on food security in crisis contexts, linking migration, economy, and food culture. Focusing on the province of Guantánamo, the study is based on direct observation and interviews with rural and urban sites residents, revealing how emigration has become a central factor in accessing food in Cuba. The author demonstrates that local families with members abroad, especially in the United States, experience greater food security, benefiting from cash remittances or food packages sent by emigrants. These resources increase access to basic and processed products and sustain small informal trade networks on Cuban territory. One of the most intriguing aspects of the report is the analysis of cultural narratives associated with food. The apparent weight gain of emigrants, for instance, is widely perceived as a sign of prosperity and well-being, regardless of the nutritional quality of the diet. The study also highlights the limitations of the Cuban food supply system, such as delays and failures in the distribution of the *canasta básica* (basic food basket) and the price disparity between state and private markets. The author provides a critical analysis of the impact of the economic blockade imposed on Cuba by the United States for decades and the dependence on food imports on Cuban food sovereignty.

In *Segurança alimentar e saúde em comunidades periféricas: fortalecendo vínculos na entrega de cestas básicas para migrantes durante a pandemia de Covid-19* (***Food security and health in peripheral communities: strengthening bonds during the distribution of food baskets to migrants during the Covid-19 pandemic***), Alexandra Cristina Gomes de Almeida and Erika Andrea Butikofer report on the experiences of the *Coletivo Conviva Diferente* (Conviva Diferente Collective) in Guaianases, a neighborhood located on the outskirts of São Paulo East Zone. The text exposes the challenges faced by Haitian, Bolivian, Venezuelan, and various African migrant communities who, in addition to the inherent difficulties of the migration process, saw their living conditions deteriorate due to unemployment, lack of access to

public policies, and food insecurity during the Covid-19 pandemic, which was officially recognized in Brazil in March 2020. The *Coletivo's* initiative, which began with the distribution of food baskets and hygiene kits, quickly evolved into a broader political action, mobilizing support networks and pressuring public authorities to ensure fundamental rights. The strength of this account lies in the way the authors connect the urgency of humanitarian action with a critical analysis of the structures that perpetuate social exclusion. By prioritizing women heads of households and considering intersecting factors such as race, class, and gender, the project not only responded to immediate needs but also exposed the flaws of a system that marginalizes migrants. In short, this report brings a practical and engaged perspective on the debate, demonstrating that hunger among migrants is not an isolated issue but a symptom of deeper inequalities.

POETRY

The poem *Eu migrante (Migrant self)* by Rian Gonçalves is a reflective work that delves into the complexities of migration and its connections with identity and food security issues. Through a personal and collective narrative, the author explores the physical and emotional displacement of migrants, highlighting the search for dignity, sustenance, and belonging. The poem evokes the figure of the “double absent” — not only the individual who leaves their homeland but also the land that is transformed in their absence —, echoing reflections on migration as an experience of loss and fragmentation. The poet contributes to the discussion on hunger and migration by humanizing data and statistics, transforming them into tangible experiences. The mention of climate change and resource scarcity reinforces the interdependence between migration, food insecurity, and environmental crises, urgent issues in the contemporary global scenario. With sensitivity, Rian Gonçalves invites the reader to reflect on the subjective dimensions of hunger and displacement, reminding us that behind every migratory journey, there is a heart that beats between the “there” and the “here”, between what was left behind and what is still hoped to be found.

SHORT STORY

The strength of the current issue lies precisely in its plurality of approaches, ranging from the academic rigor of the articles to the sensitive potency of the short story *A fome do outro (The Hunger of the Other)*, by Paulo Mortari A. C., which makes us taste the bitter flavor of inequality in our own mouths.

The narrative is deeply symbolic, expanding the concept of hunger beyond physiological need and exploring issues of identity, empathy, and social inequality. The story follows a privileged man who, inexplicably, begins to taste the flavors and fullness — or lack thereof — of someone else's meals, while his own food becomes tasteless. Driven by this intriguing experience, he embarks on an obsessive quest to discover who the "other" is with whom he shares this invisible connection, creating a popular restaurant as a way to trace this link. The plot presents hunger as a paradoxical phenomenon: while the protagonist has unrestricted access to sophisticated dishes, his palate is hijacked by the reality of someone whose diet is scarce and monotonous. The metaphor of the "hunger of the other" highlights human interdependence and the invisibility of other people's privations, questioning the extent to which the abundance of some can coexist with the lack of so many. Through the narrative, the author builds critiques of the systems that perpetuate inequality, especially in the urban environment, where marginalized bodies — like that of the young Hispanic man in the story — are often overlooked. The journey of the traveling restaurant through the city reflects the forced mobility of vulnerable populations, whose basic needs are neglected. With a unique literary approach, Paulo Mortari A. C. transforms hunger into a mirror of power dynamics and the collective failure to ensure food dignity. The strength of the story lies in the humanization of deprivation, leading the reader to reflect: who is truly satisfying whose hunger — and at what cost?

The "Hunger and Migration" dossier offers us at least four keys to reading, paths that can lead us to revisit old topics from new analytical perspectives, as well as to formulate new approaches, be them of an empirical, methodological or theoretical nature.

In both rich and poor countries, but especially regarding the populations of the latter, hunger and food insecurity — which results from political choices and economic development models — push thousands of people into the degrading experience of living in a "space without citizens" (pp. 59-66) or of a "mutilated citizenship" (pp. 31-46), using Milton Santos (2007) as a reference. That is, people with fragmented or superficial experiences of access to fundamental rights, whose denial or fragmentation places them in a subordinate condition or on the margins of citizenship. This may be a relevant path of analysis pointed out by the texts.

A second suggested line of reflection concerns the epistemological need to question hunger as a political, economic and ethical drama that generates tensions and conflicts between social groups, such as the "hunger riots" studied by Edward Palmer Thompson (1998) in 18th-century England; the great famine followed by epidemics, deaths, forced migrations and political

and social upheavals that shook Ireland in the mid-19th century and that, even today, haunts the memory of the Irish, according to Christine Kinealy's (1995) extensive research; and the social struggles of popular movements in the Brazilian countryside and cities for access to land, housing and food, studied by Sergio Leite, Beatriz Heredia, Leonilde Medeiros, Moacir Palmeira and Rosângela Cintrão (2004), Luiz Norder and Diego Rodrigues (2007), João Pedro Stédile and Bernardo Mançano Fernandes (2012), among others. As far as the epistemology of hunger is concerned, Josué de Castro ([1946] 2010) decades ago underlined the multidimensional nature of hunger as a political and social problem. Mindful of the complexity of the problem, the astute researcher highlighted the everlasting need for specific and interdisciplinary research. Such research could shed light on transformative practices that would overcome taboos, superstitions and food prejudices.

A third path of analysis suggests considering hunger as a multidimensional phenomenon that compulsorily immobilizes and mobilizes thousands of people worldwide. This occurs especially in regions with unilateral or dictatorial governance, more committed to the canons of neoliberalism: paradoxically, the defense of maximum State intervention in favor of the few (who concentrate properties and income), and the defense of minimum State action – if not its denial – in aid of the many (who have little and who need it most to access rights and duties in the pact of life in society).

With no intention to exhaust the possibilities for questioning and critique, the “Hunger and Migration” dossier lays out a fourth path that is no less relevant than the previous ones, a guiding thread, which is the call to action. Solutions exist, and many of them are being built by those who experience firsthand the intersection between hunger and migration. It is up to us, as a society and as academia, to listen, amplify and, above all, act, because hunger is not a destiny; it is a choice made by society — and it is our collective responsibility to undo it.

May this dossier inspire not only reflection, but also movement. After all, as one of the texts here reminds us: **“There is no food scarcity. There is deprivation”**. And it is against this deprivation, in all its forms, that we continue to fight.

This issue of *Travessia* also includes some separate texts, such as the articles *Realidad, rostros, desafíos y esperanzas de los migrantes y de la Pastoral de Movilidad Humana en Panamá* (***Reality, faces, challenges and hopes of migrants and the Pastoral of Human Mobility in Panama***), by Jorge Ayala, Ligia Ruiz and Mario Geremia; and *Sobre pedagogias humanitárias: pensando o português brasileiro como uma tecnologia de acolhida* (***On humanitarian pedagogies: thinking of Brazilian Portuguese as a welcoming technology***), by Sebastião Lisboa de Andrade Rinaldi.

Luciana Sanguiné presents us with an *Entrevista com Dr. Rodrigo Luís dos Santos, historiador do Museu Visconde de São Leopoldo: impactos das enchentes de 2024 e o bicentenário da imigração alemã no Rio Grande do Sul* (**Interview with Dr. Rodrigo Luís dos Santos, historian at the Visconde de São Leopoldo Museum: impacts of the 2024 floods and the German immigration bicentennial in Rio Grande do Sul**).

Educator, researcher and short story writer Sebastião Rinaldi also provides us with the short story *Refúgio em si* (**Refuge in oneself**).

Finally, in fact, on the cover of this issue, Sergio Ricciuto Conte, Travessia's illustrator, brings a piece of art that embraces the texts briefly presented. The artist invites us to look at hunger not only in terms of food shortage or as a natural calamity resulting from prolonged droughts and floods or from infestations of insects, bacteria and devastating fungi, a common idea until the 19th century. Ricciuto portrays hunger as the insufficient access to food; as ethnic, racial and geographic prejudice. The artwork shows a shopping cart full of food beyond the reach of a family pushing another cart, with little food. It can be said that this is an expressive allegory of social injustices and the lack of income distribution and social security policies, which, especially in Brazil, are closely linked to issues of social class, ethnicity, race, gender, regional development, etc. It is always worth emphasizing that art does not end the debate. In fact, it opens up new horizons of imagination and interpretation based on the subjectivities and historical realities of each social group, each people, each country and their political and cultural forms of production and distribution.

It is now time to examine each idea and contribution in the texts of this edition. Enjoy your reading!

BIBLIOGRAPHICAL REFERENCES

CASTRO, Josué de. **Geografia da fome** – o dilema brasileiro: pão ou aço. Rio de Janeiro: Brasiliense, [1946] 2010.

KINEALY, Christine. **This Great Calamity: The Irish Famine 1845-52**. Dublin: Gill & Macmillan, 1995.

LEITE, Sérgio; HEREDIA, Beatriz; MEDEIROS, Leonilde; PALMEIRA, Moacir; CINTRÃO, Rosângela. **Impacto dos assentamentos** – um estudo sobre o meio rural brasileiro. Brasília: NEAD; São Paulo: UNESP, 2004.

NORDER, Luiz; RODRIGUES, Diego. (Coords.). **Memória da luta pela reforma agrária no Brasil**. Brasília: MDA; Londrina: UEL, 2007.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. 7ª ed. São Paulo: Edusp, 2007.

STÉDILE, João Pedro; FERNANDES, Bernardo Mançano. **Brava gente** – a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2012.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.